



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

IGOR BORGES BESERRA

**ESTRATÉGIAS QUE UM GRUPO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA ADOTOU
PARA CUIDAR DE SI FRENTE ÀS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NO ENSINO
DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Caruaru
2022

IGOR BORGES BESERRA

**ESTRATÉGIAS QUE UM GRUPO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA ADOTOU
PARA CUIDAR DE SI FRENTE ÀS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NO ENSINO
DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Matemática do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Matemática.

Área de concentração: Educação Matemática.

Orientador (a): Simone Moura Queiroz

Caruaru

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Beserra, Igor Borges .

Estratégias que um grupo de professores de matemática adotou para cuidar de si frente às mudanças que ocorreram no ensino durante a pandemia da COVID-19 / Igor Borges Beserra. - Caruaru, 2022.

36 p., tab.

Orientador(a): Simone Moura Queiroz

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Matemática - Licenciatura, 2022.

1. Pandemia . 2. Ensino remoto . 3. Professores . 4. Cuidado de si . I. Queiroz, Simone Moura . (Orientação). II. Título.

510 CDD (22.ed.)

IGOR BORGES BESERRA

**ESTRATÉGIAS QUE UM GRUPO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA ADOTOU
PARA CUIDAR DE SI FRENTE ÀS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NO ENSINO
DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Matemática do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Matemática.

Aprovada em: 10/05/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Simone Moura Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Ma. Luana Rafaela da Silva Costa (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Ma. Carolina Santos de Miranda (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico esse trabalho aos meus pais, que em tudo me apoiam e nunca mediram esforços para me ajudar no que preciso, graças a eles cheguei até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela benção de poder concluir a graduação em meio a tantos desafios que a pandemia nos impôs. Por ter me guiado e dado forças para continuar seguindo. E por todas as pessoas que Ele colocou no meu caminho que serviram de inspiração, e me incentivaram a chegar até aqui.

Aos meus pais, Ivana e Josivan, agradeço por me mostrarem desde criança que posso conseguir tudo aquilo que desejo, por independente de qualquer coisa não deixarem de demonstrar seu amor e cuidado por mim, e como tudo que é feito com amor dá certo. Agradeço pela educação que me deram e pelo exemplo de ser humano que são. Por sempre darem extrema importância a minha formação educacional, e também dos meus irmãos, Ísis e Ítalo. Em todos os momentos estivemos/estamos juntos, vocês são meu alicerce. Amo vocês!

Em especial a minha mãe, Ivana, que é professora a mais de 30 anos, também de matemática, e que me inspirou a seguir essa profissão que é cheia de desafios, mas muito gratificante, poder fazer parte da vida de outras pessoas, fazendo a diferença e deixando marcas positivas na vida de seus alunos.

Aos professores que fizeram parte da minha trajetória no ensino básico e também na graduação, em especial a professora Simone Queiroz (minha orientadora), grande exemplo de profissional e de pessoa, humana, sensível, atenciosa e compreensiva. Obrigado por todos os ensinamentos, incentivo e por toda ajuda durante o curso.

Aos meus colegas de turma, por todos os momentos que vivemos na universidade e fora dela, em especial aos meus amigos Bernardino e Jacilânia, pela parceria e companheirismo durante todo o curso, compartilhando os medos, as alegrias e as conquistas na vida. Vocês são muito especiais para mim.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Pernambuco, em especial o Centro Acadêmico do Agreste e todos que o compõem, lugar onde tive a oportunidade de crescer, me conhecer mais, enxergar o mundo de outra forma. Tive a chance de vivenciar momentos incríveis e experiências únicas, nas aulas presenciais e também nas aulas remotas, projetos de extensão, eventos, programas como o PIBID e Residência Pedagógica, que foram de extrema importância para minha formação docente e como pessoa.

“Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.”
(FREIRE, p. 79, 1993).

RESUMO

Devido as medidas de proteção e isolamento social durante a pandemia da Covid-19, os professores tiveram que migrar do ambiente de ensino presencial para o ensino remoto, como consequência precisaram transformar seus lares em local de trabalho, adaptando assim sua prática docente ao uso das tecnologias. O trabalho passou a fazer parte integral da vida do professor, fazendo que eles tivessem dificuldade para administrar suas atividades para além do profissional. O que nos levou a querer pesquisar sobre como o cuidado de si pode contribuir com a docência. A pesquisa se desenvolveu a partir do seguinte questionamento: Que estratégias um grupo de professores de matemática do Agreste Pernambucano adotou para cuidar de si frente às mudanças que ocorreram no ensino durante a pandemia da Covid-19? Tendo como objetivo geral identificar as estratégias adotadas por esse grupo de professores nesse momento de mudanças. Para fundamentar a nossa discussão trouxemos autores como Bauman (2011), que nos permite refletir sobre as consequências do mundo líquido, e a fluidez dos dias atuais. Queiroz (2016), que relaciona as consequências dessa liquidez com a educação. E Feltrin e Batista (2020), que nos apresentam as consequências dessas mudanças no modo de trabalho e ensino dos professores, e trazem o cuidado de si em Foucault como alternativa para superar essas dificuldades, entre outros autores. Os dados para desenvolvimento da pesquisa foram obtidos a partir de um formulário on-line, composto por doze perguntas, que foi preenchida por cinco professores, após o término do prazo para envio das respostas, iniciamos as análises. Apesar das dificuldades relatadas pelos participantes da pesquisa, pudemos identificar que eles buscaram alternativas para cuidar de si, seja por meio de acompanhamento médico/psicológico, reorganização do tempo, valorização do ócio, mudança dos hábitos de alimentação e prática de exercícios.

Palavras-chave: Pandemia. Ensino remoto. Professores. Cuidado de si.

ABSTRACT

Due to measures of protection and social isolation during the Covid-19 pandemic, teachers had to migrate from the classroom teaching environment to remote teaching, as a consequence they had to transform their homes into a place of work, thus adapting their teaching practice to the use of technologies. Work became an integral part of the teacher's life, making it difficult for them to manage their activities beyond the professional. Which led us to want to research how self-care can contribute to teaching. The research was developed from the following question: What strategies did a group of mathematics teachers from Agreste Pernambucano adopted to take care of themselves in the face of the changes that occurred in teaching during the Covid-19 pandemic? The general objective is to identify the strategies adopted by this group of teachers at this time of change. To support our discussion, we brought authors such as Bauman (2011), which allows us to reflect on the consequences of the liquid world, and the fluidity of the present day. Queiroz (2016), who relates the consequences of this liquidity to education. And Feltrin and Batista (2020), who present us with the consequences of these changes in the way teachers work and teach, and bring the care of the self in Foucault as an alternative to overcome these difficulties, among other authors. The data for the development of the research were obtained from an online form, composed of twelve questions, which was filled in by five professors, after the deadline for sending the answers, we started the analysis. Despite the difficulties reported by the research participants, we could identify that they sought alternatives to take care of themselves, whether through medical/psychological follow-up, reorganization of time, appreciation of leisure, change in eating habits and exercise.

Keywords: Pandemic. Remote teaching. Teachers. Take care of yourself.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	13
2.1	GERAL	13
2.2	ESPECÍFICOS	13
3	EDUCAÇÃO E O MUNDO LÍQUIDO	14
4	ISOLAMENTO SOCIAL: O QUE MUDOU?	18
5	METODOLOGIA	24
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Fomos pegos de surpresa no início do ano de 2020, com a pandemia da Covid-19, o que seria apenas uma medida de restrição durante 15 dias no mês de março, perdura por mais de dois anos. Isolamento social, quarentena, risco de contaminação, medidas de segurança sanitárias. Mudanças foram necessárias para que a educação não parasse de vez. As aulas assumiram a modalidade de ensino remoto, fazendo com que os professores fossem obrigados a replicarem o ambiente da sala de aula presencial num contexto virtual. Dessa forma, precisaram fazer uso de plataformas digitais como Facebook, WhatsApp, Google Classroom, ferramentas de elaboração de vídeo, jogos, tornando-se, de acordo com Rondini, Pedro e Duarte (2020), um verdadeiro momento de desafio e reinvenção.

Apesar dessas mudanças na rotina, na maneira de se relacionar com os alunos e com os colegas, a necessidade de transformar o lar em ambiente de trabalho, dificuldade de administrar o tempo, falta de incentivo e recursos para executarem suas atribuições, segundo Araújo et al (2021), os professores têm recebido muitas cobranças institucionais, sem levar em consideração o estado psicológico/emocional dos profissionais. Feltrin e Batista (2020), trazem o cuidado de si em Foucault como alternativa para que essa reinvenção imposta aos professores seja possível, indicando a necessidade de que tenham tempo para se conhecer, olhar para dentro de si, entender o que estão passando, refletir as consequências, e assim dominar “[...] os apetites que poderiam arrebatá-lo” (FOUCAULT, 2004, p. 268 apud QUEIROZ, 2018, p. 155).

Em relação a escolha do tema da pesquisa, ela ocorreu a partir do momento que observando a minha mãe (que é professora) sobrecarregada com a quantidade de trabalho durante a pandemia, precisando transformar o lar, que na maioria das vezes é visto como sinônimo de “descanso”, em ambiente de trabalho, não tendo mais horários fixos para desempenhar as atividades da escola, trabalhando manhã, tarde e noite. Como consequência dessas mudanças, e também pelo excesso de cobranças, acabou desenvolvendo crises de ansiedade, entre outros problemas.

Diante disso, acredito que a pesquisa é relevante para a educação matemática para que possamos compreender como o cuidado de si pode contribuir nestas situações de adaptação ao novo modelo de trabalho docente. Nesse sentido, Feltrin e Batista (2020, p. 1020) questionam se o ensino on-line pode ser concebido enquanto

novidade e futuro, considerando que não sabemos como serão os próximos dias, qual rumo a educação tomará, quais as consequências dessas mudanças. Por isso, acredito que seja de grande importância a nível social suscitar discussões que permitam que os professores possam repensar suas experiências nestes tempos “[...] de desconstrução e reinvenção [...]” (FELTRIN; BATISTA, 2020, p. 1026) da sua prática docente.

A partir das inquietações acima, temos o seguinte questionamento: *Que estratégias um grupo de professores de matemática do Agreste Pernambucano adotou para cuidar de si frente às mudanças que ocorreram no ensino durante a pandemia da Covid-19?* Objetivando responder à pergunta de pesquisa, organizamos o trabalho em capítulos da seguinte forma:

Nesse, como vimos, abordamos as ideias gerais da pesquisa, no segundo capítulo apresentamos os objetivos geral e específicos que direcionaram o desenvolvimento do trabalho.

No capítulo seguinte (terceiro) demos o título de “Educação e o mundo líquido”, nele trouxemos as contribuições de Bauman (2011) sobre a modernidade líquida que estamos vivendo. Onde a instabilidade e falta de certeza permeia o nosso cotidiano no geral. Queiroz (2016) nos ajuda a refletir sobre as consequências desse mundo líquido na educação, e também como a busca excessiva por informações impossibilita a experiência, de acordo com Larrosa (2002).

O quarto capítulo intitulado “Isolamento social: o que mudou?”, nele elencamos alguns trabalhos que nos permitem refletir sobre as mudanças que ocorreram no ensino durante a pandemia e suas consequências na vida dos professores, como Corrêa e Oliveira (2020), Araújo et al (2021) e Feltrin e Batista (2020).

No capítulo seguinte (o quinto) apresentamos a metodologia utilizada, realizamos a pesquisa por meio de um formulário on-line que foi enviado aos professores participantes, tivemos a participação de cinco. Apresentamos as perguntas feitas a eles, acompanhadas dos seus respectivos objetivos, e como foi feita a análise e discussão dos dados.

No penúltimo capítulo apresentamos os resultados obtidos e a discussão dos mesmos, sempre procurando fazer relação com os teóricos mencionados nos capítulos anteriores, e em concordância com os objetivos específicos.

Para finalizar esta pesquisa, temos as considerações finais, onde buscamos responder ao nosso problema de pesquisa a partir dos dados obtidos e discussões feitas na análise, seguido das referências utilizadas para construção do trabalho.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Identificar as estratégias que um grupo de professores de matemática do Agreste Pernambucano adotou para cuidar de si frente às mudanças que ocorreram no ensino durante a pandemia da Covid-19.

2.2 ESPECÍFICOS

- Identificar as dificuldades que os professores do grupo pesquisado tiveram para se adaptar ao novo modelo de ensino;
- Descrever como os professores reagiram às mudanças que aconteceram a partir do início da pandemia;
- Identificar quais as consequências diante das cobranças causadas pela liquidez.

3 EDUCAÇÃO E O MUNDO LÍQUIDO

Neste capítulo trataremos discussões sobre como a educação se encontra diante da liquidez e instabilidade dos tempos vividos (BAUMAN, 2011), onde o que é provisório, descartável, é super valorizado, levando as pessoas a viverem de uma forma superficial, comportamento chamado de *hiperativismo sócio-virtual* de acordo com Queiroz (2016). Essa característica é um dos fatores que impossibilitam a experiência, já que não há tempo para se desconectar, refletir o que se vive (LARROSA, 2002).

De início, precisamos entender do que se trata a liquidez e de onde vem o termo *Mundo Líquido*. Bauman (2011), em seu livro *44 cartas do Mundo Líquido moderno*, nos traz reflexões sobre a constante mudança que o mundo se encontra, e sobre a facilidade de transformação que praticamente tudo ao nosso redor tem. O autor justifica:

O mundo que chamo de “líquido” porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição (p. 6, grifo do autor).

Dessa maneira, o mundo é comparado com uma caixinha de surpresas, pois não temos noção do que nos espera pela frente, o que para nós é uma verdade hoje, amanhã pode ser visto como algo que não tem tanta importância. O que chamamos de líquido, a água por exemplo, não possui forma definida, a depender de onde esteja, vai se diluir, se espalhar, seu estado muda de acordo com as condições. Assim como a água, são os dias atuais. Durabilidade, permanência, constância, estabilidade, não são palavras que podem caracterizar essa realidade.

Os autores Silva e Costa (2020), nos trazem reflexões sobre como a educação se encontra diante das mudanças ocasionadas pelos tempos líquidos modernos. Eles trazem uma caracterização da modernidade líquida, como é chamada por Bauman (2011), dizendo que

[...] pode ser percebida como “autodestrutiva”, para o mantimento do seu mecanismo de funcionamento. Ou seja, fazendo com que os paradigmas, até certo ponto sólidos, que ela constrói, venham a ser

desconstruídos por novos paradigmas, para que ela se perpetue [...] (p. 253, grifo dos autores).

Isso indica que devemos estar dispostos a mudar a cada instante, pois a quantidade de incertezas que permeia nosso cotidiano só aumenta, impondo-nos que sejamos mais flexíveis diante das situações que possam nos surpreender. Os autores Baliscei, Calsa e Stein (2016), comparam a flexibilidade com os galhos de uma árvore, mesmo que eles balancem e tomem outra forma de acordo com a ação do vento sobre eles, quando o vento se acalma, eles voltam para o seu estado original. Ainda que alguns galhos entortem, se quebrem, a estrutura sólida que os sustenta, a árvore, mesmo com o vento inesperado, permanece intacta, mas também se modifica.

Para os autores, ser flexível é “[...] assumir riscos, desapegar-se, abandonar compromissos sem arrependimentos, estar em prontidão e mudar de tática com facilidade [...]” (p. 206), porque à medida que novos paradigmas vão surgindo, as dificuldades também os acompanham, sendo necessária a busca por maneiras de superá-las. O imprevisível tem se tornado o principal companheiro do ser humano, ou seja, rotinas, planejamento/repetição de atividades, padrões de comportamento, cumprimento de regras, não são mais os mesmos por tanto tempo (BALISCEI; CALSA; STEIN, 2016).

Como essa possibilidade de mudança permeia nosso cotidiano de modo geral (pois está ligada a todos os aspectos da vida), sentimos a necessidade constante de informação sobre as coisas que acontecem no mundo, e o que poderá acontecer. A internet e as redes de comunicação favorecem essa atualização, a cada momento novas informações surgem, o que nos leva a querer estar sempre informados, para não ficarmos alheios sobre o que acontece ao nosso redor. Queiroz (2016), afirma:

Um instante que se passa fora dos ambientes virtuais, perde-se muitas informações, de fatos que podem estar ocorrendo a quilômetros de distância, ficando desatualizado, ultrapassado. Neste virtual é onde a vida acontece, através de fotos, vídeos, comentários. (p. 3)

As redes sociais funcionam como um verdadeiro diário pessoal, onde cada usuário pode buscar e compartilhar o que deseja, opinar sobre o assunto que for de seu interesse, mesmo que essas opiniões sejam sem fundamento algum. A autora ainda aponta que “Esse hiperativismo sócio-virtual faz com que se negue o viver a experiência, pois não se pode perder tempo. Não pode desconectar-se.” (QUEIROZ, 2016, p. 3). Vivemos em uma sociedade da informação (LARROSA, 2002), onde cada

vez mais o sujeito busca estar informado, dispõe de tempo para tal, para saber mais. O autor aponta que essa busca pela informação não é no intuito de adquirir conhecimento, ou sabedoria, é apenas no sentido de estar informado, saber do que se passa.

De acordo com Larrosa (2002), a experiência tem se tornado cada vez mais rara, ele elenca motivos como: excesso de informação, excesso de opinião, falta de tempo e excesso de trabalho. O autor define a experiência como “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (p. 21). Na rapidez e efemeridade das circunstâncias da vida é que está a impossibilidade da experiência, pois na mesma velocidade que as coisas acontecem, também as esquecemos, já que foi algo que não se deu tanta importância, que não nos marcou.

É preciso parar para refletir, parar para sentir, ouvir, internalizar, deixar-se modificar, deixar-se ser transformado por aquilo que nos passa. Como é citado por Larrosa em seu texto, podemos ler vários livros, fazer viagens, nos relacionarmos com várias pessoas, participar de aulas, eventos, mas as marcas que esses acontecimentos deixarão depende exclusivamente de nós. Depende de como vivenciamos as situações, da nossa disponibilidade em nos permitir sermos tocados, para saber se a experiência realmente nos passou.

A internet, e as redes de comunicação não param, permitindo que nos conectemos com pessoas de qualquer lugar do mundo de maneira imediata, sem sair do lugar (BAUMAN, 2011). O excesso de conexão que permeia os dias de hoje, traz consigo consequências em diversas áreas de interação, sejam elas, social, profissional, familiar, por estarmos a apenas um click de distância uns dos outros, não dando atenção a quem está ao lado, de fato. As relações têm sido cada vez menos valorizadas, o contato, olho no olho.

Como é citado por Bauman (2011): “As relações virtuais contam com teclas de ‘excluir’ e ‘remover spams’ que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras de tempo) da interação mais profunda.” (p. 15, grifo do autor). As pessoas se escondem atrás das redes sociais, pois com apenas um comando é possível tirar alguém da sua lista de amigos, deixar de seguir, “resolver” problemas pelo celular, achando que vai ser mais fácil de encará-los.

Diante desse cenário, Mohr (2021), aponta que o modelo que a escola vem seguindo não tem se atualizado, permanece, como denomina o autor, nos moldes antigos, o que vai de encontro com o comportamento dos alunos que muda a cada dia, pois não existe um padrão a ser seguido. As escolas seguem o mesmo padrão de organização de séculos passados, cadeiras dos alunos enfileiradas, professor à frente da turma como centro das atenções e detentor de todo saber. Queiroz (2016) em seu texto traz uma afirmação que Mozart Neves Ramos fez em rede nacional no ano de 2012: “O Brasil ainda tem uma escola do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI” (p. 3), que descreve perfeitamente a estrutura escolar até os dias atuais.

Como vimos nos parágrafos anteriores, vivemos em uma sociedade em que o efêmero, inconstante, passageiro, está em todo lugar. Como educar nesses tempos? De acordo com Mohr:

A educação e o imediatismo não podem existir juntos, a educação é um processo, vai sendo elaborado gradualmente, profundamente. O excesso de informação gera a incerteza, a desmotivação frente ao que precisa ser feito, observamos a oferta do conhecimento somente em fragmentos, sem ter uma ideia do todo. (2021, p. 47)

Podemos perceber aqui, uma das maiores dificuldades que permeia o ambiente escolar, os alunos são bombardeados a todo instante com novas informações, têm acesso a milhares de páginas na internet, vivem de forma acelerada, não há interesse em se aprofundar no que lhes é proposto. Cabe ao professor encontrar maneiras de credibilizar o que está sendo apresentado aos alunos, para que possam perceber a importância e assim despertar o interesse no que está sendo apresentado.

4 ISOLAMENTO SOCIAL: O QUE MUDOU?

Para compreendermos o cenário que a educação esteve inserida durante os momentos mais críticos da pandemia, trouxemos alguns autores como Feltrin e Batista (2020), e Araújo et al (2021), que em suas pesquisas evidenciam e refletem sobre as dificuldades encontradas nesse período de incertezas. O isolamento social foi preciso para conter o avanço da doença, e dessa forma, o espaço físico escolar não era uma alternativa viável de continuação das atividades.

De acordo com Barreto e Rocha (2020), “O mundo hoje presencia uma nova forma de comportamento social, com a Pedagogia Pandêmica, as formas de se relacionar, de consumir, as estratégias de trabalhos e, sobretudo, o trabalho docente foram impactados.” (p. 2), ou seja, fomos forçados a sair da rotina e buscar maneiras de superar os obstáculos provenientes do distanciamento social para dar continuidade às nossas atividades diárias.

As atividades presenciais foram suspensas nas escolas, seguindo as instruções do Ministério da Educação e Cultura (MEC), publicadas na portaria nº 343, de 17 de Março de 2020, indicando a substituição pelas aulas no formato digital enquanto durasse a situação da pandemia, medidas tomadas para segurança de todos os envolvidos com as escolas, evitando aglomerações e causando várias mudanças. De forma inesperada

[...] nós, professores e alunos, fomos deslocados espacialmente de nossas costumeiras salas de aula para as salas e quartos de nossas casas. Como se não bastasse, nos vimos diante do desafio de rapidamente nos submetemos a novas formas de conviver, ensinar e aprender. A impotência dessa situação e a insegurança sobre o que fazer e como encaminhar as atividades acadêmicas levou muitos de nós a tentar reproduzir o ambiente de sala de aula num contexto virtual (MONTEIRO; SENICATO, 2020, p. 318-319).

Vale ressaltar que a tecnologia dessa vez, no momento pandêmico, serviu para nos aproximar, até de forma significativa, diante de todos os afastamentos que estavam acontecendo.

Nesse sentido, para adaptar o modelo de ensino presencial, as aulas assumiram a modalidade de ensino remoto de emergência, com o desenvolvimento das atividades no formato on-line síncrono, em que professores e alunos participavam das aulas/atividades de forma simultânea, e assíncrono com o desenvolvimento de atividades sem interação simultânea (QUINTAIROS; ELISEI; VELLOSO, 2021),

ocasionando a migração do ambiente escolar para a residência dos professores. O que era visto como sinônimo de “descanso”, precisou ser transformado em ambiente de trabalho.

Faz-se necessário destacar que foi um evento inesperado e que “Não podemos ignorar que esta situação traz desafios e acelera processos importantes que requerem reflexão relacionada ao momento em que estamos vivendo, ou seja, um momento atípico.” (LEITÃO et al, 2021, p. 240), enfatizando que precisamos estar atentos às mudanças e refletir sobre os possíveis impactos que elas podem causar nas nossas vidas.

Por se tratar de uma situação inusitada, houve a necessidade de que decisões rápidas fossem tomadas para que professores e alunos não fossem prejudicados e colocados em risco, tendo em vista a imposição do isolamento social. O que levantou vários questionamentos sobre como dar continuidade às atividades, de forma que a maioria dos sujeitos envolvidos fossem assistidos, e pudessem estar envolvidos e participando.

Segundo Rondini, Pedro e Duarte (2020), como alternativa para que as aulas não parassem e na tentativa de superar esse momento de desafio que a educação se encontrava/encontra, os professores precisaram migrar/adaptar sua rotina de aulas presenciais para plataformas on-line como *Facebook*, *WhatsApp*, *Google Classroom*, ferramentas que fazem parte das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Na pesquisa as autoras conseguiram identificar que

[...] apesar das dificuldades em transpor o ensino presencial para a modalidade remota e na utilização das TDIC, os docentes apontam o quanto o momento pandêmico é desafiador e enriquecedor, para a sua prática, fazendo aflorar o processo de “reinvenção” docente. (p. 54, grifo das autoras).

Essa reinvenção foi proposta no sentido de reformular a sua prática docente, recriar a sua rotina de ensino, adquirir novos hábitos, novos conhecimentos, novas experiências que proporcionarão aos mesmos enxergar a educação por uma ótica diferente depois de passar por tantos desafios. Além de readaptação do seu tempo, pois na escola era dividido entre as atividades preestabelecidas, havia um tempo específico para cada uma, em casa surge a dificuldade de separar as obrigações do dia a dia das do trabalho, pois no momento, ocupavam o mesmo lugar.

Estas dificuldades, para Batista et al (2021), são vistas como “[...] um modo de sobrevivência docente e do próprio ensino.” (p. 4), pois, junto ao ser professor (nesse momento de mudanças), vem a necessidade de atender novas demandas relacionadas à docência. E também novas maneiras de conviver e socializar por meio das plataformas digitais, já que apenas os serviços considerados essenciais permaneceram funcionando, como por exemplo os hospitais, supermercados e postos de gasolina.

Os autores, referenciando Bezerra, Veloso e Ribeiro (2021), nos trazem que essa nova forma de ensinar “[...] pegou de surpresa diversos professores, com acentuadas dificuldades em manusear equipamentos digitais e fazer deles instrumentos para desenvolver novos modos de ensinar em espaços virtuais de aprendizagem” (p. 3). Assim, podemos perceber que paralelo às inquietações dos professores com relação ao espaço/ambiente de realização das aulas, estava também a inaptidão para o manuseio dos recursos digitais necessários.

Isso nos faz refletir sobre a importância do domínio e utilização das tecnologias na educação matemática, visto que, a tradicional lousa e pincel de quadro da escola estavam mais distantes, surgindo a necessidade de pensar em novas maneiras de ensinar e aprender. Colocando em prova as habilidades dos professores para gravar, editar vídeos de explicação dos conteúdos, utilizar de plataformas de jogos online, trabalhar com novas metodologias de ensino que correspondessem às aulas remotas, mesmo que isso não tenha feito parte da formação inicial de alguns.

Apesar do despreparo e da falta de tempo dos docentes na pandemia, como destaca Feltrin e Batista (2020): “Os tempos se misturam, se mesclam, se envolvem e, a docência, mais do que nunca, permeia a vida cotidiana do docente em distanciamento social.” (p. 1022). Sabemos que o trabalho do professor nunca se resumiu apenas à sala de aula e carga horária a ser cumprida na escola, antes da pandemia era necessário que parte desse trabalho fosse executado em casa também, mas em tempos de isolamento social todas as obrigações passaram a ser executadas no mesmo ambiente, as suas casas.

Como consequências dessa mudança do trabalho presencial para o remoto, na sua pesquisa com professores universitários, Araújo et al (2021, p. 8-9) apontam: “1) as dificuldades de interação social [...] 2) aumento da demanda, a conectividade exigida e a indivisibilidade do trabalho e demais aspectos da vida [...] 3) e ainda o sentimento de exploração pela contratante e falta de apoio institucional [...]”. Isso

resulta em efeitos negativos no cotidiano dos professores, pois com essas mudanças suas relações são afetadas, seu tempo não é mais o mesmo, e as cobranças só aumentam.

A partir disso, também podemos acrescentar que

Em meio a esse novo normal que de certo modo, tem sido de muitos aprendizados, é imprescindível observar que esse profissional tem vivido de forma frenética nas suas funções, com tantas sobrecargas de atividades, ou seja, é possível gerar insegurança ao sujeito, assim como desestabilizar o mesmo sob uma situação epidemiológica já bastante popular, tudo isso é reforçador para vários sintomas de adoecimento emocional e psicológico. (LEITÃO et al, 2021, p. 240)

Neste momento é imposta aos professores uma reinvenção da sua prática docente, na maneira de viver e lidar com as situações do cotidiano, nas relações com seus alunos, familiares. Sendo imprescindível o mantimento dessas relações para que o convívio social não se perca, mesmo que de forma virtual, a comunicação, o contato, devem ser valorizados para que possamos enxergar o outro além das suas obrigações e habilidades, como ser humano que ele é.

Para Feltrin e Batista (2020), na sociedade em tempos de isolamento social, existe um imperativo de que “[...] o bom professor é capaz de se reinventar [...]” (p. 1019), o que nos leva aos seguintes questionamentos: a que custo ele deve se reinventar? O que esse processo traz como consequência? A situação atual favorece isso? Nessa perspectiva, as autoras em sua pesquisa trazem o cuidado de si como uma alternativa para lidar com essas dificuldades de adaptação à realidade, e argumentam que

[...] a noção de cuidado de si é afetada pela ausência de liberdade imposta por uma sobrecarga de horas de trabalho. A docência passa a ser contínua, não há mais tempo de trabalho e tempo de lazer, tempo do poético e tempo do prosaico, tempo do banal, do profano e do sagrado. [...] Não que seja o tempo um determinante da ausência de cuidado, mas a ocupação de um tempo que o sujeito poderia utilizar para reinventar sua relação consigo, com seus estudantes e com sua docência é uma prática de sujeição, a qual se opõem ao cuidado sobre si proposto por Foucault (FELTRIN; BATISTA, 2020, p. 1022).

O cuidado de si proposto por Foucault “trata-se, em suma, de partir em busca de outra filosofia crítica: uma filosofia que não determina as condições e os limites de um conhecimento do objeto, mas as condições e as possibilidades indefinidas de transformação do sujeito” (FOUCAULT, 2006, p. 475 apud FELTRIN; BATISTA, 2020, p. 1022). Cuidar de si é se conhecer, é permitir enxergar-se como agente transformador da sua realidade. Cuidar de si é olhar para dentro e buscar alternativas

de melhorias, caso sejam necessárias, antes de querer cuidar/ajudar o outro, ou o ambiente a que pertence.

Para que o cuidado de si seja colocado em prática, segundo Queiroz (2018), “[...] é necessário que os professores vivenciem o ócio” (p. 155), e que o valorizem. Pois não devem enxergá-lo como perda de tempo, mas, como um momento somente seu, hora de deixar as cobranças de lado, de reflexão interior, conhecimento de si, compreensão do outro, entendendo o que se passa ao seu redor e como isso o afeta. A partir do momento que nos compreendemos em nossas fragilidades, temos mais assertividade nas decisões tomadas diante das situações impostas no cotidiano, conhecendo os nossos limites.

Diante de toda essa confusão em meio à pandemia, “[...] torna-se ainda mais importante um diálogo interior, um olhar para si mesmo, para compreendermos não apenas aquilo que nos aflige, mas também buscar respostas, pois elas se encontram dentro de nós.” (CORRÊA; OLIVEIRA, 2020, p. 156). Em situações de conflito ficamos aflitos em busca de respostas, procurando motivos para o que nos acontece, a solução pode estar mais perto do que imaginamos. Faz-se necessário que compreendamos que

O ato de cuidar de si pressupõe consciência de si, consciência do outro, consciência da vida em sociedade, da vida privada, das limitações dos tempos de agora. Repensar os nossos espaços de vivência, marcados pelo isolamento social, se torna um desafio de cuidado. Como manter a saúde, as relações, as práticas docentes em meio ao caos que permeia nossos dias? (FELTRIN; BATISTA, 2020, p. 1024).

Com todas essas mudanças, percebemos uma mecanização do ensino, da relação entre professor e aluno, das relações pessoais. As autoras apontam a necessidade de manter o cuidado com as relações humanas, para que elas não se tornem automáticas. No texto *A arte de viver em tempos de pandemia* as autoras Corrêa e Oliveira (2020) nos fazem perceber como a pandemia da Covid-19 fez com que as pessoas refletissem sobre a vida e mudassem sua maneira de pensar,

[...] trouxe-nos novos modos de viver, de trabalhar, de estudar, de perceber o outro e, principalmente, novas maneiras de estar próximos do outro. Acima de tudo, propiciou novos jeitos de percebermos a nós mesmos, com a possibilidade de fazer, em meio ao caos, uma arte de existir e de viver. (p. 151)

Ter um olhar mais crítico sobre aquilo que nos passa nos ajuda a enxergar com mais clareza o que estamos vivendo e também o que já foi vivido. O que nos leva ao

que é defendido por Larrosa (2002), permitindo que enxerguemos como as experiências têm o poder de nos transformar, mudar nossa maneira de percepção das situações da vida, nosso modo de viver, e entender o outro.

Para as autoras, o mantimento dessas relações nos permite enxergar os problemas por uma ótica diferente,

[...] pois divide-se com o outro os medos, agonias e, nesse momento de novas descobertas de relacionamento uns com os outros, apelidado popularmente de 'novo normal', é que se torna mais importante a empatia e o compartilhamento de experiências. (CORRÊA; OLIVEIRA, 2020, p. 153, grifo das autoras)

Dessa maneira percebemos como é valorizado o contato, a “aproximação”, as individualidades de cada um, mesmo que o contexto em que estamos inseridos não seja o mesmo da sala de aula física/presencial, como citamos nos parágrafos anteriores.

5 METODOLOGIA

Essa pesquisa tem como objetivo identificar que estratégias um grupo de professores de matemática do Agreste Pernambucano adotou para cuidar de si frente às mudanças que ocorreram no ensino durante a pandemia da Covid-19. A mesma possui caráter descritivo, que segundo Gil (2002), objetiva “[...] estudar as características de um grupo [...]” (p. 42), ou seja, levantar dados que sejam relevantes para a pesquisa, que caracterizem os participantes.

Como participantes da pesquisa temos 5 (cinco) professores de matemática, da rede pública e privada, atuantes no ensino fundamental anos finais e ensino médio, que preenchem o requisito de durante a pandemia terem vivenciado as aulas na modalidade de ensino remoto emergencial.

O levantamento de dados aconteceu por meio de questionário enviado para os professores pelo *Whatsapp* para responderem na plataforma *Google Forms*, com o intuito de compreender como se deu a formação dos mesmos com relação ao manuseio de recursos digitais como ferramenta de ensino, se houveram dificuldades ao decorrer do tempo, e o que fizeram para superá-las. Utilizamos de uma abordagem qualitativa, pois como afirma Godoy (1995) esse tipo de abordagem nos permite a

[...] compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo (p. 62)

A partir disso, com base em estudos bibliográficos e a partir das discussões feitas nos capítulos anteriores, foi feita a análise dos dados obtidos nas respostas dos professores.

Seguimos as seguintes etapas para desenvolvimento da pesquisa: elaboração do material que foi utilizado no levantamento de dados; contato com os professores para responderem o questionário para levantamento dos dados da pesquisa; análise dos resultados obtidos;

Essas foram as perguntas que formaram o questionário, acompanhadas dos seus respectivos objetivos:

Tabela 1 – Perguntas que formaram o formulário e seus respectivos objetivos

Perguntas	Objetivos
1. Nome:	Identificar os participantes da pesquisa.

2. E-mail:	
3. Em que nível da educação básica você atua? (Fundamental II ou Ensino Médio) 4. Qual a sua jornada semanal de trabalho (carga horária)? Houve alteração na pandemia?	Saber em que nível de ensino os professores atuam e como era a realidade deles em relação a jornada de trabalho antes de migrarem para a modalidade de ensino remoto.
5. Como você lidou com a transferência do ambiente de trabalho da escola para a sua casa? Houve dificuldades?	Compreender como foi o processo de mudança de ambiente de trabalho, e quais as dificuldades encontradas pelos professores.
6. Que estratégias a escola que você trabalha adotou para dar continuidade às aulas neste período de pandemia?	Entender como se deu o funcionamento das atividades escolares durante o isolamento social.
7. Antes das aulas remotas você tinha familiaridade com os recursos digitais? 8. Se a resposta for não, como se deu essa adaptação? 9. Se a resposta for sim como se deu essa familiaridade?	Saber se os professores já utilizavam de recursos digitais nas suas aulas antes da pandemia e como se deu esse processo de adaptação, quer ele tenha acontecido antes ou durante a pandemia.
10. Em algum momento você se sentiu sobrecarregado(a)? Justifique.	Entender como os professores lidaram com o aumento da demanda de trabalho.
11. Essas mudanças no trabalho relacionadas à pandemia causaram algum impacto na sua vida? Se sim, quais?	Saber de que forma as modificações que ocorreram no trabalho impactaram a vida dos professores, quais foram as sequelas deixadas.
12. Você adotou alguma estratégia para cuidar de si durante esse período?	Compreender que estratégias os professores adotaram para cuidar de si diante desse período de mudanças.

Fonte: O autor (2022)

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo faremos a análise e discussão dos dados obtidos na pesquisa com os professores participantes. Buscando sempre fazer relação com os teóricos que foram citados nos capítulos anteriores, com o intuito de contribuir na interpretação das informações coletadas. Vale ressaltar que a realidade descrita nas respostas dos professores não pode ser generalizada, visto que nossa pesquisa foi realizada apenas com um grupo de professores do Agreste Pernambucano, onde cada um apresenta suas particularidades.

O formulário utilizado para a produção dos dados foi composto por 12 perguntas, que dividimos em blocos para melhor analisar. O primeiro bloco de perguntas conta apenas com as informações dos participantes da pesquisa, para melhor identificá-los e caso houvesse necessidade, entrar em contato para esclarecer alguma dúvida. Cinco professores se disponibilizaram a responder o formulário para nossa pesquisa, para não revelar a identidade dos mesmos, vamos chamá-los de acordo com os dias da semana, na ordem que se encontram as respostas obtidas. Então, como participantes da pesquisa temos os professores: Segunda, Terça, Quarta, Quinta e Sexta.

Os participantes da pesquisa estão divididos entre as cidades de Belo Jardim, Caruaru e Toritama, sendo o grupo composto por duas mulheres e três homens. No segundo grupo de perguntas (perguntas 3 e 4) o nosso objetivo foi saber em que nível de ensino os professores atuam, como era a realidade deles em relação a jornada de trabalho antes de migrarem para a modalidade de ensino remoto e se houve alguma alteração.

Apenas um dos professores leciona no ensino médio, os demais estão situados no ensino fundamental anos finais. Com relação à carga horária semanal, as respostas variaram entre 25 e 40 horas, para os professores Quinta e Sexta esse horário não houve alteração durante a pandemia, o professor Quarta afirma que houve uma diminuição de cerca de 50% do seu horário, já para os professores Segunda e Terça houve um aumento.

O professor Terça afirma que: *“Normalmente são 25 aulas semanais. No início da pandemia a escola em que trabalho orientou a gravarmos vídeos para que os alunos pudessem assistir posteriormente no formato assíncrono.”*

Diante disso, podemos perceber o acréscimo de atividades na rotina de alguns dos professores, onde além de preparar as aulas de costume para os momentos síncronos, que antes eram presenciais, mas passaram a acontecer de forma remota, por meio das plataformas digitais, se desprendendo da necessidade de que os professores e estudantes estivessem no mesmo espaço físico (QUINTAIROS; ELISEI; VELLOSO, 2021), surgiu a necessidade de desenvolver novas habilidades para ensinar nesses espaços virtuais (BEZERRA; VELOSO; RIBEIRO, 2021), e também para preparar materiais para serem disponibilizados para os momentos assíncronos, em que os estudantes e professores não interagem de forma simultânea (QUINTAIROS; ELISEI; VELLOSO, 2021).

Dando continuidade, para facilitar a análise dos dados obtidos, agrupamos as perguntas 6, 7, 8 e 9, que estão ligadas às estratégias que as escolas que os professores lecionam adotaram para dar continuidade as aulas no período de isolamento social, com o objetivo de saber se os professores já utilizavam de recursos digitais nas suas aulas antes da pandemia e como se deu esse processo de adaptação, quer ele tenha acontecido antes ou durante a pandemia.

Com relação às estratégias adotadas para dar continuidade às atividades, os professores relataram diferentes realidades, como a utilização de videoaulas ou aulas síncronas por meio de assinaturas em plataformas de vídeo conferências, alternando entre aulas síncronas para explicação de conteúdo previsto pelo currículo e aulas assíncronas para realização de atividades e listas de exercícios. Mas todas com o mesmo intuito, que era de manter o funcionamento das escolas, mesmo que de forma remota, indo de acordo com o que é citado por Rondini, Pedro e Duarte (2020).

Vale ressaltar o que foi dito pela professora Segunda, relando que a escola em que trabalha mesmo modificando o horário de trabalho, “[...] *organizou palestras com psicólogo, organizou reuniões para escutar os funcionários sobre suas angústias e discutir soluções.*” O que nos leva a refletir sobre a importância de buscar maneiras de superar os obstáculos existentes provenientes dessa nova maneira de trabalho docente, comportamento social, e de se relacionar (BARRETO; ROCHA, 2020).

Todos os professores afirmaram ter familiaridade com os recursos digitais antes das aulas remotas. A partir disso, buscamos entender como se deu essa familiaridade. Alguns relataram que já trabalhavam com ambiente digital, o que facilitou a adaptação às aulas on-line, mesmo enfatizando que o ensino presencial é

bem diferente do ensino remoto. Destacamos as respostas dos professores Terça e Quarta, que nos dizem:

Terça: *“Eu conhecia o básico do uso das ferramentas, porém precisei pesquisar bastante, principalmente com relação à edição de vídeos.”*

Quarta: *“Já tinha um breve conhecimento de sites para reunião online, mas precisei estudar mais sobre seus recursos.”*

Diante disso, podemos perceber a importância de buscar maneiras de interagir, Feltrin e Batista (2020) apontam que “Criar caminhos é uma condição importante para se pensar a readaptação às novas formas de ensinar/aprender, visto que para continuar a ensinar, agora mais do que nunca, faz-se necessário aprender.” (p. 1019). Essa busca por novas maneiras de ensinar e aprender, estão atreladas às novas demandas relacionadas à docência, pois, como afirma Batista et al (2021), representam “[...] um modo de sobrevivência docente e do próprio ensino.” (p. 4), colaborando também para que os professores pudessem alcançar o maior número possível de alunos, para não perder o contato com eles, mantendo as relações mesmo com as limitações impostas.

Partindo para a análise do último bloco, em que agrupamos as perguntas 5, 10, 11 e 12, relacionadas às dificuldades encontradas pelos professores, a partir da mudança do ambiente de trabalho, quais os seus impactos e quais estratégias eles adotaram para cuidar de si durante esse período. A quinta pergunta tem como objetivo compreender como foi o processo de mudança de ambiente de trabalho para as suas casas, e quais as dificuldades encontradas pelos professores. Apenas o professor Quinta relatou que não apresentou dificuldades, pois já tinha a sua disposição equipamentos para o desenvolvimento das atividades esperadas.

A professora Segunda relatou que: *“Ocorreu sobrecarga de trabalho e conseqüentemente crises de ansiedade.”*, o que nos leva a uma das reflexões feitas por Leitão et al (2021) em seu texto, que nos diz:

[...] é imprescindível observar que esse profissional tem vivido de forma frenética nas suas funções, com tantas sobrecargas de atividades, ou seja, é possível gerar insegurança ao sujeito, assim como desestabilizar o mesmo sob uma situação epidemiológica já bastante popular, tudo isso é reforçador para vários sintomas de adoecimento emocional e psicológico. (p. 240)

Em conjunto com o aumento das demandas de trabalho, que em sua maioria, são inéditas, pois os professores passaram por um momento atípico, vem também a

realidade da pandemia, acometidos por uma doença desconhecida, que até então não se tinha muitas informações sobre, não existia vacina, a insegurança estava por todos os lados. Os demais professores citaram dificuldades com relação a conexão de internet, não ter costume de utilizar estes novos recursos para realização das aulas, barulhos externos, e também dividir os espaços com os moradores de suas casas, já que precisaram organizar um espaço próprio para as aulas.

Na décima pergunta, com o objetivo de entender como os professores lidaram com o aumento da demanda de trabalho, questionamos: “Em algum momento você se sentiu sobrecarregado(a)? Justifique.” As respostas foram as seguintes:

Segunda: *“Sim. Foram muitas formações ao mesmo tempo para melhorar nosso acesso aos meios digitais.”*

Terça: *“Sim. A aula devia ser pensada em um formato completamente diferente se quisesse uma participação ativa dos alunos. Com isso, precisei dedicar mais tempo ao planejamento e pesquisar novas estratégias de ensino.”*

Quarta: *“Sim, pois não havia mais um horário específico para os alunos conversarem comigo sobre suas demandas, a qualquer horário eles poderiam falar comigo, e isso acabou me sobrecarregando.”*

Quinta: *“Sim. Por ficar em apenas uma posição, sentia dores na coluna.”*

Sexta: *“Me senti. Pois não conseguia cumprir o planejado. Por ser remoto e os alunos não conseguirem acompanhar.”*

Além da dificuldade de separar o tempo para cumprir as atividades escolares, pois como Feltrin e Batista (2020) afirmam: “Os tempos se misturam, se mesclam, se envolvem e, a docência, mais do que nunca, permeia a vida cotidiana do docente em distanciamento social.” (p. 1022). Essa realidade nos faz compreender a importância da flexibilidade, estar em alerta para mudar de estratégia com facilidade diante de situações inesperadas (BALISCEI; CALSA; STEIN, 2016), acontecimento corriqueiro na modernidade líquida como é chamada por Bauman (2011), gerando cobranças para buscar maneiras de superar os obstáculos existentes, seja por parte dos contratantes/supervisores, ou cobranças pessoais.

Em relação a identificar de que forma as modificações que ocorreram no trabalho impactaram a vida dos professores e quais foram as sequelas deixadas, temos a penúltima pergunta, que foi elaborada da seguinte forma: *“Essas mudanças no trabalho relacionadas à pandemia causaram algum impacto na sua vida? Se sim, quais?”*.

Apenas o professor Quinta afirma que essas mudanças não causaram nenhum impacto na sua vida.

Os professores Terça e Sexta indicam que desenvolveram ansiedade, que os acompanha até hoje, indo de encontro com o que foi evidenciado pela professora Segunda em uma das perguntas anteriores, ela também afirma que: “*Foi necessário readaptação funcional, devido a sobrecarga com o ensino híbrido.*”, que nos leva a refletir sobre a importância de aumentar os cuidados com a saúde mental dos docentes, pois, como afirma Feltrin e Batista (2020), “[...] afinal nossos estudantes, colegas, e toda uma sociedade fragilizada está necessitando de cuidados.” (p. 1027), evidenciando as marcas que a pandemia tem deixado na sociedade.

Alguns participantes elencaram também pontos positivos, temos o que disse o professor Quarta: “*Como impactos positivos, acabei adquirindo um conhecimento maior sobre estratégias para ministrar aulas virtuais.*” E o professor Terça acrescentou, dizendo: “[...] *mas descobri muitas habilidades que não sabia que tinha. Além disso, pude perceber que a capacidade de adaptação do professor é imensa e isso me deixa orgulhoso da minha profissão.*” Fortalecendo o que diz Rondini, Pedro e Duarte (2020), sobre a capacidade que o professor tem de se reinventar diante de situações que fogem do seu controle, por mais que essas novas atribuições não tenham feito parte da sua formação inicial.

É válido mencionar que o professor Quarta fez uma contribuição sobre um ponto que considerou negativo, dizendo: “*Como impacto negativo, senti muita falta do contato afetivo que o meio social proporcionava.*” De acordo com Corrêa e Oliveira (2020), a pandemia “[...] trouxe-nos novos modos de viver, de trabalhar, de estudar, de perceber o outro e, principalmente, novas maneiras de estar próximos do outro.” (p. 151), elas justificam:

[...] pois divide-se com o outro os medos, agonias e, nesse momento de novas descobertas de relacionamento uns com os outros, apelidado popularmente de ‘novo normal’, é que se torna mais importante a empatia e o compartilhamento de experiências. (p. 153, grifo das autoras)

Fazendo-nos refletir sobre como o mantimento das relações interferem de forma positiva na nossa vida, colaborando para que os impactos das dificuldades existentes sejam menores, diminuindo a carga.

Por fim, perguntamos se os professores adotaram alguma estratégia para cuidar de si durante esse período de pandemia. Obtivemos as seguintes respostas:

Segunda: *“Acompanhamento médico, reorganização do meu tempo, atendendo assuntos profissionais rigorosamente nos horários de trabalho.”*

Terça: *“Diante de tanta incerteza, preocupação com a família, distanciamento, nada estava sob meu controle. O único que podia me acalmar era Deus e foi nEle que depusitei minha confiança. O cuidado de si acaba sendo negligenciado, muitas vezes. Nos concentramos tanto em dar conta de tudo que esquecemos que somos limitados.”*

Quarta: *“Criei o hábito de separar a sexta-feira só para mim. Reservei como dia para fazer coisas divertidas e muitas vezes desligava a internet para que ninguém atrapalhasse esse momento tão especial e importante que era a vez de aproveitar a minha solitude.”*

Quinta: *“Procurei me alimentar melhor e praticar mais exercícios.”*

Sexta: *“Tenho separado um tempo pra mim. Pra orar. Pra meditar. Mas antes tive que tomar uns calmantes naturais. Hoje eu estou melhor.”*

Interessante perceber que os professores participantes da pesquisa têm consciência de que cuidar de si requer tempo, requer que o ócio seja valorizado, e não visto como perda de tempo (QUEIROZ, 2018). Tempo esse, que deve ser aproveitado para olhar para dentro, pois, como afirma Corrêa e Oliveira (2020), “[...] torna-se ainda mais importante um diálogo interior, um olhar para si mesmo, para compreendermos não apenas aquilo que nos aflige, mas também buscar respostas, pois elas se encontram dentro de nós.” (p. 156). Mostrando assim a importância de se entender, compreender os impactos que o mundo causa nele mesmo.

Destacamos a iniciativa do professor Quarta, que compreende a importância de se desconectar, reservar um momento para ele, distante de tudo que poderia aprisioná-lo, indo de encontro com o que é citado por Feltrin e Batista sobre o cuidado de si, elas nos dizem que

O ato de cuidar de si pressupõe consciência de si, consciência do outro, consciência da vida em sociedade, da vida privada, das limitações dos tempos de agora. Repensar os nossos espaços de vivência, marcados pelo isolamento social, se torna um desafio de cuidado. (2020, p. 1024)

Dessa maneira, podemos perceber que a partir do cuidado de si, quando nos entendemos e temos consciência das nossas limitações, podemos compreender e cuidar do outro, e também buscar soluções e aprender a lidar com os desafios existentes ao nosso redor. Pois, se conhecer e acolher cada descoberta sobre si, é um processo enriquecedor e transformador.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo destacamos os pontos de maior importância durante a realização da nossa pesquisa, apresentando os principais resultados obtidos, assim como algumas limitações encontradas ao decorrer do percurso metodológico e possíveis recomendações que podemos desenvolver a partir de nossa pesquisa.

Quando iniciamos o trabalho de pesquisa, trouxemos uma inquietação relacionada às mudanças que ocorreram no ensino durante a pandemia, e os impactos causados na vida dos professores. Diante disso a pesquisa teve como objetivo geral identificar as estratégias que um grupo de professores de matemática do Agreste Pernambucano adotou para cuidar de si frente às mudanças que ocorreram no ensino durante a pandemia da Covid-19. Constata-se que o objetivo foi atendido, porque efetivamente conseguimos identificar que todos os professores que participaram da pesquisa buscaram de alguma forma cuidar de si, mesmo diante de todos os desafios mencionamos pelos mesmos.

Tivemos como objetivos específicos: identificar as dificuldades que os professores do grupo pesquisado tiveram para se adaptar ao novo modelo de ensino; descrever como os professores reagiram às mudanças que aconteceram a partir do início da pandemia; identificar quais as consequências diante das cobranças causadas pela liquidez. Os mesmos foram alcançados a partir de pesquisas feitas de acordo com a temática discutida, e também por meio da análise das respostas do formulário que foram enviadas pelos professores participantes.

Levantamos estudos e pesquisas que antecederam esse trabalho e que possibilitaram uma maior reflexão com relação às dificuldades encontradas pelos professores durante esse período de incertezas que a pandemia trouxe, como a transferência do ambiente de trabalho para as suas residências, dificuldade de conexão e manuseio dos recursos digitais, e impacto na saúde mental. Como também é apresentado Araújo et al (2020), que realizaram uma pesquisa com professores universitários onde apresentaram reflexões pertinentes para o desenvolvimento da nossa pesquisa com os professores da educação básica. Feltrin e Batista (2020) nos trazem o cuidado de si em Foucault como uma alternativa de superação desses obstáculos destacados.

Tomamos como marco teórico os estudos de Bauman (2011), que nos traz reflexões sobre a modernidade líquida que estamos vivendo, como tudo ao nosso

redor é efêmero, volátil, passageiro. Em conjunto com Queiroz (2016), que nos permite refletir sobre as consequências do excesso de conectividade, e uso das redes sociais, resultando em uma valorização de tudo aquilo que é passageiro e superficial, que ela chama de hiperativismo sócio-virtual. Esses comportamentos, para Larrosa, são vistos como fatores que impossibilitam a experiência.

Visamos por meio de este responder à seguinte pergunta “*Que estratégias um grupo de professores de matemática do Agreste Pernambucano adotou para cuidar de si frente às mudanças que ocorreram no ensino durante a pandemia da Covid-19?*”

Alguns dos participantes da pesquisa relataram que sua carga horária de trabalho aumentou com a transferência do ensino presencial para o remoto, pois além da necessidade de preparar as aulas que já eram de costume, surgiu a necessidade de aprender a manusear as plataformas digitais, para gravação de vídeos, elaboração de material para atividades assíncronas, e pensar em novas maneiras de ensinar, visto que, estavam distantes do espaço físico escolar.

É válido destacar também, o sentimento de cobrança diante da situação que estavam, pois tinham novas demandas para atender, sentimento de insegurança por não ter domínio sobre algumas atividades que lhes eram propostas, além da dificuldade de separar as atividades do trabalho das atividades de casa. O que ocasionou adoecimento físico e mental para boa parte dos professores participantes da pesquisa.

Nesse estudo verificou-se que, mesmo que os professores tenham passado por inúmeras dificuldades de adaptação, eles procuram maneiras de superar esses obstáculos e pôr em prática o cuidado de si. Seja por meio de acompanhamento médico/psicológico, reorganização do tempo, buscando melhorar sua relação com Deus, momentos de introspecção, valorização do ócio, mudança dos hábitos de alimentação e prática de exercícios. Favorecendo a consciência de si, e das suas limitações, para poder enfrentar os problemas com mais facilidade.

Diante do que foi exposto, reconhecemos que uma pesquisa não esgota em si mesma, mas impulsiona outras pesquisas a partir dos questionamentos e descobertas que apresentamos. A nossa pesquisa pode suscitar discussões a respeito de como os professores estão vivenciando esse retorno às atividades presenciais, com a retomada integral das aulas. Buscando entender se os aprendizados e habilidades adquiridas nesse período de aulas remotas estão sendo úteis na sua rotina de professor, e se o cuidado de si continua sendo colocado em prática.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria da Purificação Nazaré et al. *Residência é residência, trabalho é trabalho: estudo quali-quantitativo sobre o trabalho remoto de professores universitários durante a pandemia da COVID-19*. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. e24310918068-e24310918068, 2021.

BALISCEI, João Paulo; CALSA, Geiva Carolina; STEIN, Vinícius Vinícius. **TRABALHO E EDUCAÇÃO NA MODERNIDADE LÍQUIDA: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS**. **Revista Contexto & Educação**, v. 31, n. 98, p. 203-221, 2016.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas; ROCHA, Daniele Santos. *COVID 19 E EDUCAÇÃO: RESISTÊNCIAS, DESAFIOS E (IM)POSSIBILIDADES*. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 01-11, 10 maio 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2011. BEZERRA, Narjara Peixoto Xavier; VELOSO, Antonia Pereira; RIBEIRO, Emerson. *Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia*. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 2, p. 323917-323917, 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRASIL. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 01 jul. 2022.

DA SILVA CORRÊA, Jordana; OLIVEIRA, Neiva Afonso. *A arte de viver em tempos de pandemia*. **Dialogia**, n. 36, p. 149-161, 2020.

DA SILVA, Alex Sander; COSTA, Lucas Santiago. *Notas marginais sobre subjetividade e educação em tempos modernos líquidos*. **Devir Educação**, v. 4, n. 1, p. 250-262, 2020.

DE LIMA MOHR, Grazielle Lopes. **MUNDO LÍQUIDO: OS DESDOBRAMENTOS DA EDUCAÇÃO LÍQUIDA NA SOCIEDADE ATUAL. ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS: REFLEXÕES, DESAFIOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**, p. 42.

DE OLIVEIRA BATISTA, Josiel et al. *Tecnologias digitais, tempos de pandemia e o ensino de matemática: educação tecnológica em perspectiva*. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 9, n. 20, p. 01-20, 2021.

FELTRIN, Tascieli; LAMPERT BATISTA, Natália. **AUTOFORMAÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: DA (IM)POSSIBILIDADE DA REINVENÇÃO SEM CUIDADO DE SI**. **Revista Científica Educ@ção**, v. 4, n. 8, p. 1017-1029, 26 out. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do Sujeito**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
LEITÃO, Ana Célia Diogo et al. *Reflexão no contexto do autocuidado com professores da educação em meio à pandemia*.

MONTEIRO, Alexandrina.; BELLOTTI SENICATO, Renato. *Educación (matemáticas) en tiempos de pandemia: efectos y resistencias: efeitos e resistências*. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática Perspectivas Socioculturales de la Educación Matemática**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 317-333, 2020. DOI: 10.22267/relatem.20131.53. Disponível em: <https://www.etnomatematica.org/ojs/index.php/RevLatEm/article/view/607>. Acesso em: 12 ago. 2021.

QUEIROZ, Simone Moura. A educação em meio ao Hiperativismo sócio-cultural do mundo líquido. **X ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, XII**, p. 1-9, 2016.

QUEIROZ, Simone Moura. *Sala de aula: sociedade de controle, comprismo e hiperativismo socio-virtual versus o cuidado de si*. **Formação de professores e processos de ensino e aprendizagem: práticas pedagógicas e contribuições das políticas públicas**, v. 1, p. 135-158, 2018.

QUINTAIROS, Paulo; ELISEI, Cristina de Carvalho Ares; VELLOSO, Viviane Fushimi. SÍNCRONO E ASSÍNCRONO. **Revista de Pesquisa Aplicada e Tecnologia (REPATEC)**, v. 3, n. 04, p. 33-44, 2021.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DOS SANTOS DUARTE, Cláudia. *Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: Mudanças na práxis docente*. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.